BOM JESUS DE TREMEMBÉ: A MARCHA DA SECULARIZAÇÃO E RESISTÊNCIA DA TRADIÇÃO*

*Léa Maria da Rocha***

Resumo: Este artigo resume a pesquisa sócio-histórica da devoção e festa tricentenária do Bom Jesus de Tremembé, Vale do Paraíba em São Paulo, desde o início da colonização da região até a segunda metade do século XX, quando a região experimentou, nas últimas décadas (1970/1990) acentuadas transformações devidas a um rápido processo de urbanização e industrialização, aliado a modernização também acelerada das atividades agro-pecuárias. Nele buscamos verificar se concomitantemente a estas mudanças registrou-se também um processo de secularização.

Palavras-chave: religião; tradição; secularidade

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre religião no Brasil têm merecido a atenção de sociólogos, antropólogos folcloristas, além dos especificamente teológicos. Foi grande a atenção dispensada a surtos de profetismo, messianismo, além dos que analisaram os aspectos sincréticos da religiosidade popular que se manifestam nas diversas posturas religiosas da população brasileira.

Nos últimos anos, muitos estudiosos apontaram para o progressivo desaparecimento do catolicismo rústico, que dominava as áreas rurais e do catolicismo popular, surgido à sombra da devoção a Santos padroeiros, cultuados no Brasil desde sua descoberta, já que para aqui foram trazidos pelos primeiros colonos lusitanos.

Este é o caso da devoção ao Bom Jesus da Cana Verde, cuja imagem encontrada no mar em 1579, em Iguape, foi trazida para o Vale do Paraíba por Manuel da Costa Cabral, juiz extraordinário de órfãos em Taubaté, senhor da sesmaria de Tremembé, em 1663. Ele a introduziu na Capela de sua residência. Crescendo a

* Este artigo foi extraído da Tese apresentada para obtenção do Título de Doutor em Sociologia, ao Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

** Pesquisadora ligada ao CERU.

devoção, solicitou autorização para construir uma capela para a imagem do Bom Jesus, o ECCE HOMO, Cristo flagelado – fora da sua propriedade, doando as terras e custeando as despesas do empreendimento, em 1672. Um ano depois foi concluída a obra e, aprovada pela autoridade eclesiástica, foi solenemente inaugurada.

Devoção tricentenária, que como foi observado em diversos estudos sobre o catolicismo se prende firmemente a uma imagem, a mesma conservada até hoje por seus fiéis devotos, o Bom Jesus de Tremembé, Cristo padecente e sofredor, bem ao gosto dos seus fiéis, transformou-se rapidamente na segunda pessoa da Santíssima Trindade no São Bom Jesus, num processo já analisado por Carlos Brandão, peculiar às devoções católicas brasileiras¹.

Padroeiro de todo o Vale do Paraíba, além de patrono da Matriz de Tremembé, de lá se irradiou a devoção, levada por bandeirantes inicialmente e, depois, por agricultores que, seguindo a marcha do café em terras paulistas, se deslocaram por todo o interior do Brasil, chegando à Amazônia e à fronteira Oeste².

Nossa pesquisa, desenvolvida entre 1989 e 1993, obedeceu ao método de estudo de caso, utilizando as técnicas de observação direta, com emprego de entrevistas abertas feitas junto a autoridades eclesiásticas e civis, em particular o vigário de Tremembé, no cargo há mais de 30 anos, diretores e funcionários da Prefeitura local que organizam e fiscalizam as festividades profanas, os dois prefeitos municipais do período, habitantes que participam da organização das atividades religiosas, presidente e membros da Irmandade do Bom Jesus, moradores idosos e jovens de Tremembé. Além dessas fontes de informações, foram aplicados 200 questionários a estudantes da oitava série do primeiro grau e alunos do Curso de Magistério do Colégio Estadual Manuel da Costa Cabral e 50 na Escola Técnica Profissional existente na cidade, visando apreender a opinião dos jovens sobre a devoção e sua postura religiosa.

Uma pesquisa em documentos históricos que relatam a introdução da devoção permitiu conhecer as petições e autorizações para a construção da Capela, sua ampliação e a última reforma pela qual passou a Igreja Matriz, a doação do patrimônio religioso e sua administração, com a retaliação, vendas e permutas que as terras doadas sofreram no decorrer do tempo. O gênero de vida e o dia -a-dia das atividades domésticas e econômicas da população foi verificado em jornais do século XIX e atuais, existentes nas Bibliotecas de Taubaté e Tremembé, complementadas por relatos de viajantes e biografias de moradores da área rural de Taubaté, sobretudo no período da expansão e declínio da cafeicultura no Vale do Paraíba.

1 BRANDÃO, Carlos R. *Os Deuses do Povo* São Paulo, Brasiliense, 1980.

2 Para entender a expansão desse culto, que também teve como pólos irradiadores Iguape para o Sul do país e Pirapora do Bom Jesus para o Oeste, ver FRANÇA, Maria Cecília. Pequenos Centros Paulistas de Fundação Religiosa. São Paulo, *Boletim do Instituto de Geografia da USP*, 1975, onde se encontra um mapeamento dessa devoção.

Para a fase de expansão industrial e urbanização recente os dados foram coletados junto ao IBGE, censos decenais e nos documentos estatísticos do SEADE – Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados do Estado de São Paulo, além de publicações da Prefeitura de Taubaté e de Tremembé e documentos e estudos do Instituto de Estudos Valeparaibanos.

Utilizamos na pesquisa e na concepção de sua redação uma postura que considerou dados geográficos, históricos e sócio-econômicos para a verificação dos dois conceitos básicos indicados em seu título: **tradição e secularização**, apoiados nos conceitos de **sagrado e profano** de Durkheim e Weber e, sobretudo no de “numinoso” de Rudolf Otto, na tentativa de captar as atitudes dos fiéis para com o seu padroeiro e as mudanças registradas tanto na festa religiosa quanto nos eventos profanos que a acompanham, durante um mês de realizações.

Assim, por **tradição** entendemos a transmissão de valores espirituais e materiais de geração em geração, incluindo conhecimentos e práticas resultantes de transmissão oral ou e hábitos inveterados. Não se trata, no caso, de orientação geral do gênero de vida atual por valores do passado, mas de uma idealização e valorização de uma memória que não exclui a adoção, sobretudo na vida material, de valores e bens da atual sociedade de consumo.

Por secularização, entendemos, adotando o conceito de Peter Berger, “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”. Há, para este autor, uma secularização verificável na história econômica e social, e outra que afeta a cultura³. Em Tremembé, a primeira se verificou ao longo do tempo com as terras do patrimônio vendidas ou ocupadas por leigos, enquanto só após a separação da Igreja do Estado, com a proclamação da República, começou a ser sentida uma emancipação da educação e da assistência social do poder eclesiástico, quando a existência de boas escolas públicas diminuiu a preponderância de centros educacionais que haviam sido estabelecidos pela Igreja, no final do século XIX, durante o período em que o processo, conhecido como “romanização”, foi rigorosamente aplicado na Igreja Católica no Brasil.

Os conceitos de catolicismo oficial e popular são os da tipologia estabelecida por Thales Azevedo. Catolicismo oficial é aquele praticado por “indivíduos que têm conhecimento suficiente dos dogmas da fé, das prescrições da Igreja. É o fiel que obedece à hierarquia, pratica os sacramentos, tendo adquirido seus conhecimentos religiosos por aprendizado sistemático e que procura a perfeição moral para garantir a salvação eterna”. Outro é o catolicismo popular dos “indivíduos para os quais a religião tem valor como meio de proteção e preservação contra as várias formas do mal e como instrumento de socialização. Procuram na religião alívio para crises temporárias, moléstias mentais, ou corporais, falta de sorte e outros males produzidos por forças ocultas e sobrenaturais. Vêm na religião uma terapêutica orientada

3 BERGER, Peter L. – 1985, p. 119.

para o ajustamento individual (relações de compadrio pelo batismo) e através do conformismo, da aceitação da vontade de Deus justificam a sorte de cada indivíduo”⁴. Seu aprendizado se dá por tradição, transmitida de pais e filhos com a finalidade de dominar poderes desconhecidos.

A análise do campo religioso obedeceu às diretrizes de Bourdieu, acompanhando as situações de monopólio e pluralismo, às quais acrescentamos observações efetuadas por autores de estudos sobre religião no Brasil que já as utilizaram. Pudemos assim avaliar as oscilações verificadas no catolicismo da região entre a monopolização completa da produção religiosa por especialistas (hierarquia da Igreja Católica) e “o domínio prático de um conjunto de esquemas de pensamento e de ações objetivas sistemáticos, adquiridos em estado implícito por simples familiarização e, portanto, comuns a todos os membros do grupo, praticados segundo modalidades pré-reflexivas”⁵ por capelães, benzedeiros e indivíduos mais versados nas práticas devocionais. Este último campo é o abrangido pelo catolicismo popular ou rústico que dominou a região Valeparaibana, até o início da expansão cafeeira, cujo desaparecimento tem sido apontado por vários autores.

Fruto das peculiares condições de ocupação do espaço, de concepção do tempo e das correntes migratórias que, com diferente intensidade, acorreram ao Vale do Paraíba, este catolicismo foi vivido e sentido em Tremembé até à sua elevação a Município, em fins do Século XIX, enquanto permaneceu como “bairro” de Taubaté, perdura com maior ou menor intensidade em seus atuais “bairros”, resistindo à publicidade dos meios de comunicação, em área cuja urbanização e modernização já incorporou todas as facilidades e comodidades da vida moderna.

A escolha de Tremembé e do seu padroeiro para nosso estudo de caso se deve, pois, à verificação de situar-se em região já totalmente urbanizada e dotada de todos os modernos meios de comunicação e divulgação, situada entre os dois maiores pólos econômicos do país e de ser, atualmente, cidade de porte médio que não depende da função religiosa⁶.

POVOAMENTO E TRADIÇÃO

1. ESPAÇO, TEMPO E POVO DO BOM JESUS

Tremembé foi bairro de Taubaté até o início do Século XX. Toda a região do

4 AZEVEDO, Thales. - 1979, p. 39 a 54.

5 BOURDIEU, Pierre. - 1974, p. 40.

6 Maria Cecília França, no estudo que já citamos, previa em 1968, data de sua pesquisa, um eventual desaparecimento da devoção, em virtude do rápido surto de urbanização e industrialização do Vale do Paraíba. Nossos informantes confirmaram o declínio da Festa na década de 60, atribuindo esse fato à situação econômica adversa experimentada pela região devida segundo eles à expansão vertiginosa de São José dos Campos que provocou o esvaziamento das cidades do Vale.

Vale do Paraíba paulista foi colonizada, seguindo diretrizes da Coroa portuguesa que privilegiava três fatores: a doação de terras a homens que tivessem a ela prestado bons serviços; compromisso de procurarem jazidas de metais preciosos, para substituir o preamento de índios e o estabelecimento de ligações com o litoral norte da Capitania de São Paulo por via terrestre⁷.

Taubaté foi fundada por Jaques Felix em sesmaria concedida pela Condessa de Vimieiro, donatária de São Vicente em 1628. A posse da terra só se efetivou anos depois em 1638, abrindo fazenda e cultivando as terras. Em 1638, um neto do mesmo nome do senhor da sesmaria foi encarregado de erigir uma vila, a cerca de seis quilômetros dessa fazenda. Aí se construíram a Igreja, a cadeia, a casa de sobrado para o Conselho e foram instalados moinhos de trigo e engenho de açúcar, cumprindo-se as provisões passadas em 1636 e 1638 pelas autoridades coloniais. Em 05 de dezembro de 1645, Taubaté foi erigida em Vila.

Rapidamente, o caminho para a busca de minas de metais preciosos pelo Vale do Paraíba se tornou o mais freqüentado. Taubaté foi o centro irradiador do bandeirismo que, partindo da Vila, se dirigia às regiões mineiras.

Ao longo do trajeto foram se erguendo povoados e vilas e, enquanto os mais corajosos e aventureiros se deslocavam para as regiões mineradoras, percorrendo o Vale do Paraíba até Lorena, onde cruzavam a Serra da Mantiqueira, outros, reunidos em bairros em torno de capelas, dedicavam-se à agricultura e à pecuária, já que não havia dificuldade em obter terras para se estabelecerem⁸.

Aldeias, pousos, capelas e sesmarias; essa foi a paisagem do Vale do Paraíba até o início da expansão cafeeira que se deslocou pelo Vale, partindo do Rio de Janeiro. Muito transitado durante o início da exploração aurífera em Minas Gerais, sua economia foi seriamente abalada com a construção do Caminho Novo para as Gerais, abandonando os trajetos por Santos, São Paulo e Vale do Paraíba, ou ainda, o que diretamente de Ubatuba vinha a ter a Taubaté. Perderam as vilas do Vale sua base econômica principal, o comércio de gêneros alimentícios, passando a ser simples pousos de tropeiros que carreavam para as Minas muares e bovinos. Caíram todas em um marasmo social e econômico, agravado quando da exaustão da exploração do ouro no século XVIII, que só se modificou com a chegada da cafeicultura.

Poucos foram os homens que regressando das Minas tiveram recursos para a exploração da cana-de-açúcar em grande escala, como preconizavam as ordens da Coroa. A agricultura da região se concentrou na produção de cereais e na pecuária,

7 Conforme HOLANDA, Sérgio B. "Caminhos do Sertão", *Revista de História*, 15 (57), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

8 O bairro é a unidade típica do povoamento dos sertões paulistas. Nós utilizamos aqui esse conceito como foi estudado por Antonio Candido: "o bairro é a porção de terra a que os moradores têm a noção de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras"; depende menos da posição geográfica e mais do intercâmbio entre famílias e pessoas. MELLO e SOUZA, Antonio Candido, 1964, p. 65.

em propriedades cuja área pudesse ser trabalhada por família extensa e alguns agregados. Os menos abonados, ao regressarem das minas, se estabeleceram no Vale como posseiros, arrendatários ou, em muitos casos, obtendo a terra regularmente, como pequenos sitiantes⁹.

Bandeirantes, sesmeiros, aventureiros, posseiros e sitiantes constituíram o povo do Bom Jesus na vasta área do Vale, cujas vilas acanhadas e tristes são descritas por viajantes que o percorreram. Apenas Taubaté se destacou como centro administrativo e religioso nesse período¹⁰.

A população do Vale acompanhando a tradição portuguesa guardou o hábito de “medir o tempo” por meio de suas festas religiosas, estabelecendo um calendário anual que incluía a devoção particular da família, seu santo padroeiro doméstico, o padroeiro do bairro e o padroeiro da matriz.

O Bom Jesus de Tremembé foi uma exceção, pois tornou-se logo patrono da região valeparaibana, no curso médio do rio, cujos habitantes se deslocavam para Taubaté e seus bairros, no início do mês de agosto, celebrando sua festa em data fixa, sempre no dia seis. A festa aproveitava o período de fraca atividade agrícola, o chamado período da entre-safra, quando os trabalhadores rurais dispõem de mais tempo para lazer.

2. O CULTO DO BOM JESUS

Após a construção da Capela fora das terras do sesmeiro, tendo Manuel da Costa Cabral doado um patrimônio junto ao Rio Paraíba, local em que até hoje se ergue a Basílica, a Festa tem duas partes bem distintas: a religiosa que inclui novena com pregação, missas e a grande procissão de encerramento no dia seis de agosto e outra profana, quermesse, comidas e bebidas, parque de diversões, jogos, leilões, disputas esportivas e, até, bailes, teatro e exposições, de que nos dão conta relatos do século XIX e que progressivamente foram reunidos em um grande parque de diversões, com apresentação de cantores populares, e fiscalizado pela Prefeitura Municipal.

A abertura se dá nove dias antes da Festa, em 28 de Julho, e tem como ponto alto a descida da imagem do altar mor da capela, hoje da Basílica, para um andor ao alcance dos fiéis.

A imagem é o centro do culto e devoção como é tradição na religião trazida pelos colonos para o Brasil.

De início, a festa era organizada pelos zeladores da Capela, membros da família Cabral, conforme dispunha o documento de doação do patrimônio religioso,

9 O Povoamento e o desenvolvimento urbano do Vale do Paraíba foi estudado por Nice L. Müller em “O Fato Urbano no Vale do Paraíba”, Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1969.

10 Para a fundação e história do desenvolvimento de Taubaté, utilizamos a obra do historiador taubateano José Bernardo Ortiz, São Francisco das Chagas” de Taubaté. Taubaté, Prefeitura Municipal, 1988, 2 v.

datado de 1731.

Depois, a Irmandade do Bom Jesus, fundada em 1736 com autorização do bispo do Rio de Janeiro, passou a dirigir a Igreja e a zelar por tudo o que fosse de interesse do Padroeiro. O patrimônio da Igreja fora bastante defraudado e a Mesa eleita pelos Irmãos procurou recuperar bens vendidos ou ocupados por terceiros, para obter recursos.

Ao redor da Capela começaram a surgir moradias já regularizadas pela Irmandade mas que restringiam a área ocupada por romeiros, muitos dos quais permaneciam em Tremembé durante a Novena e até depois da Festa, acampados no grande terreno que circundava a Igreja, reduzido hoje a uma grande praça. Entre o rio Paraíba e a Igreja havia uma fonte de águas "milagrosas", onde as bandeiras que partiam de Taubaté se abasteciam de água potável e que era também a fonte que abastecia os romeiros.

A Igreja precisou ser ampliada já em 1795, ao lado da imagem do Bom Jesus foram colocadas em altares colaterais a imagem da Virgem Maria (N. S. da Glória) e a de São Francisco de Paula. Essas imagens permanecem até hoje na Basílica.

A imagem do padroeiro, no entanto, é o centro de toda a atividade religiosa. Para o fiel o culto ao padroeiro não é devido a qualquer imagem, mas apenas àquela que considera mais poderosa (mais forte, na fala que até hoje é corrente em Tremembé), aquela capaz de obter milagres, para a qual são feitas promessas e votos¹¹.

Os agentes do culto nas celebrações do Bom Jesus eram sacerdotes seculares ou regulares quando em visita ao Bairro ou de passagem para outras vilas e regiões. Em geral missionários que em razão do seu trabalho catequético frequentam, por ocasião das festas de padroeiro ou das missões periodicamente realizadas, as igrejas, capelas de bairros e sítios. A autoridade oficial era o vigário de Taubaté, cuja função, nesta época, foi a de "policiar" as práticas religiosas dos fiéis. Estes podem ser considerados, segundo a classificação de Brandão, como leigos, fiéis e clientes¹².

11 A imagem do Bom Jesus de Tremembé é uma escultura de madeira de um homem, em tamanho natural, pintada na cor de carne e com vestígios de feridas e pingos de sangue devidos à flagelação. Os traços são rudes e fortes, dando a desejada impressão de dor e sofrimento a um corpo e um semblante rígidos. O Cristo está descalço, com as mãos atadas na frente do corpo e sustenta uma vara ou cana verde em suas mãos. Tem grandes olhos circundados por sombras escuras e, sobre cabelos naturais oferecidos como promessa, sustenta um resplendor de prata. A rigidez do corpo e das pernas dão ao conjunto um aspecto de realismo forçado. Está vestido com uma capa de veludo ou seda bordada em ouro e prata e tem em torno do corpo uma toalha branca cujas bordas também são bordadas e que os fiéis chamam de alva. Tem o torso nu, mostrando costelas salientes, mãos e pés bem grandes e minuciosamente desenhados. A alva e a capa são presas à imagem por grandes cordões dourados. O que mais impressiona na imagem é o rosto, com barba, bigodes, lábios grossos e língua visível, circundado pelos cabelos arranjados em cachos.

12 BRANDÃO, Carlos R., 1980, p. 64 a 68.

No catolicismo praticado no Vale do Paraíba durante o período colonial, segundo descrições da vida quotidiana, as referências à religião permitem que se distingam bem apenas os sacerdotes, como detentores do sagrado oficial. A massa dos fiéis, em virtude da dispersão da população, contentava-se com práticas dirigidas por **leigos**, que, mais versados nas práticas devocionais, nas orações, bênçãos, terços e novenas, garantiam a produção e reprodução dos hábitos religiosos. A escolha desses agentes subalternos tinha a aprovação sacerdotal e era plenamente aceita pelos fiéis, membros da comunidade religiosa do povoado ou bairro em que se ergue a capela. Esses indivíduos são aceitos por consenso, porque possuem um saber especializado, que não é acessível a todos os membros do grupo.

Compõem o grupo de fiéis os grupos de consumidores freqüentes do trabalho religioso, que participam ativamente das celebrações quando recebem atribuições delegadas pelos agentes oficiais. No grupo de fiéis devem ser distinguidos os praticantes efetivos dos apenas nominais que não participam de modo regular das missas e não freqüentam os sacramentos, chegando a se alhearem dos trabalhos religiosos.

Os clientes são sujeitos religiosos não filiados à Igreja ou filiados de maneira radicalmente nominal¹³.

Sob a aparente unidade monolítica do catolicismo imposta pela Metrópole, ainda que o gênero de vida de dominantes e dominados não fosse tão diferenciado como atualmente, os devotos do Bom Jesus leigos, fiéis ou clientes, transportaram para o terreno do sagrado o seu modo de vida, sua ideologia e suas intenções de usos profanos da fé, desde então.

Gramsci salientou em seus trabalhos esse caráter de “multiplicidade de religiões distintas e às vezes contraditórias”, sobretudo no Catolicismo, que acaba por ser fragmentado em um catolicismo camponês, um da pequena-burguesia, um das mulheres, um de intelectuais etc¹⁴.

Comblin é mais radical, ao analisar o catolicismo na América Latina e no Brasil. Para ele, o “catolicismo oficial, definido pela teologia e pelo direito canônico nunca existiu...” Na realidade existem apenas “diferentes sistemas de tradução do cristianismo, em condições concretas de vivência humana”, propondo que as “formas populares mereçam tanto respeito quanto as formas oficiais” do cristianismo¹⁵.

Durante todo o período colonial foram raros os enfrentamentos com a hierarquia eclesiástica, embora se tenham verificado pendências, devidas sobretudo à

13 Na sociedade agrária do Brasil, até hoje há a possibilidade de se contar com serviços de benzedeiros e curandeiros, filiados ou não à Igreja Católica, ou, como no caso de Tremembé, procurar a Igreja e o Santo protetor de maneira esporádica, quando necessidades pessoais ou flagelos e doenças ameaçam o indivíduo. Na situação de crise corriam ao Bom Jesus com promessas e donativos.

14 A. GRAMSCI, em PORTELLI, 1984, p. 25.

15 COMBLIN, J., 1968, p. 37.

cobiça de alguns sacerdotes em explorar os bens materiais do Patrimônio. Somente no final do século XVIII e início do XIX, quando as idéias iluministas e outras correntes de pensamento começaram a influenciar a camada dominante da região, se pode falar em um processo de secularização incipiente, porém a nível de indivíduos, de caráter pessoal e privado que não prejudicou em nada o culto e devoção ao Bom Jesus.

3. ROMANIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO E INDUSTRIALIZAÇÃO

A economia do Vale do Paraíba só se reativou com a chegada ao Brasil da Corte portuguesa em 1808. Porém, houve uma inversão nas rotas de transporte e comércio de gêneros alimentícios que passaram a se dirigir para o Rio de Janeiro, diminuindo bastante as relações com São Paulo.

Com a introdução da cultura cafeeira no Vale, por volta de 1830, mais se acentuou esse movimento em direção àquela capital, já então capital do Brasil independente.

O Vale participou ativamente dos movimentos em favor da Independência do país enquanto as lavouras intensivas se multiplicavam pelas encostas de suas colinas. A lavoura cafeeira era muito diferente da agricultura até então praticada na região. Exigia, além de mão-de-obra barata, uma organização da produção voltada para o mercado externo e comercialização, em mão de empresários especializados na distribuição do produto para os países consumidores. Essas exigências abriram o país ao Capital internacional, já presente no país após a abertura dos portos às embarcações estrangeiras.

As lutas políticas pela Independência e sua proclamação, seguidas das disputas durante o primeiro reinado e no período da regência até o fim do século XIX com o movimento abolicionista e a proclamação da República, agitaram o país e introduziram idéias modernizadoras em toda a região Valeparaibana.

Moradores de Taubaté participaram ativamente desses movimentos desde a Inconfidência Mineira até o sete de setembro de 1822, sobretudo após o retorno da Corte para Lisboa, temendo a perda da abertura do país ao comércio internacional, que favorecera tanto os produtores de açúcar e café.

Sete jovens taubateanos participaram da comitiva do Príncipe Regente, integrando sua guarda de honra na viagem da proclamação. Foram acirradas as lutas pela libertação dos escravos, quando dividiram-se as opiniões entre a classe dirigente agrícola do Vale, que já sofria a concorrência das plantações do oeste paulista para além de Campinas. Taubaté foi sede de um forte núcleo abolicionista, liderado pelo filho mais moço do Comendador Monteiro, comerciante e fazendeiro, Barão de Tremembé, que era formado em medicina na Alemanha. Embora o Vale paulista contasse na época com 27 251 escravos, totalizando cerca de 9% da sua população total, Taubaté libertou-os antes do treze de maio. As idéias republicanas eram tam-

bém amplamente debatidas e com esse movimento de abertura as novas concepções políticas e econômicas, os problemas religiosos também mereceram debates acirrados, sobretudo durante a chamada “questão religiosa” decorrente da extinção do regime do padroado, após a proclamação da Constituição de 1824, que só se extinguiu quando o artigo 72, parágrafo 7 da Constituição de 1891 estabeleceu claramente “Nenhum culto ou Igreja gozará de subvenção oficial, nem terá relações de dependência ou aliança com o Governo da União ou dos Estados”.

A situação da hierarquia católica após a proclamação da Independência permaneceria até a proclamação da República ainda indefinida. Não era mais possível à Santa Sé nomear Bispos ou Vigários, ficando também irregular a nomeação dos que já exerciam tais cargos. Por outro lado, os Imperadores não podiam nomear tais autoridades pois caducara o acordo da Casa Reinante portuguesa e, só muito depois, é que D. Pedro II pode resolver a situação com as autoridades romanas.

Todo esse movimento de idéias modernizadoras em contraste com a situação anterior de marasmo sócio-político e econômico do Vale, embora fosse privilégio de um pequeno número de indivíduos letrados, filhos de famílias tradicionais da região, que haviam ido estudar fora do país ou em São Paulo e Rio de Janeiro refletiu-se também no meio dos sacerdotes que lutavam para manter o monopólio no campo religioso e se aproveitaram das disputas políticas entre as facções da classe hegemônica: a primeira facção mantinha as idéias da classe patriarcal anterior, preconizava a manutenção das atividades agrárias tradicionais e pregava a união Igreja e Estado, enquanto a segunda, burguesa e liberal, que agia como intermediária entre os poderes econômicos europeus e os intelectuais liberais, pregava a modernização da agricultura, com o trabalho assalariado e novas formas de gerência e distribuição e também a total separação entre os poderes civis e eclesiásticos.

É necessário notar que nos dois grupos se encontravam católicos praticantes, pois “mesmo que fossem anticlericais, como no segundo caso, não eram em hipótese alguma a favor da abolição da religião. Esta última, com efeito, era útil para as massas populares e por outro lado, a Igreja vinculava também valores religiosos próprios a uma espiritualidade individualista burguesa”¹⁶.

Toda essa agitação social e política se refletiu no Vale do Paraíba que se beneficiava também de um acréscimo de riqueza trazido pela lavoura de exportação do café. Embora ligados totalmente às suas explorações agrícolas, os fazendeiros se mudavam para as Vilas e cidades, onde embelezavam suas casas. Aumentaram os postos na administração pública, os centros urbanizados recebiam constantemente lavradores e viajantes que procuravam nelas se abastecer, incrementando o movimento comercial com abertura de lojas e oficinas artesanais.

O próprio aspecto físico das cidades começou a se modificar com ruas bem traçadas e amplas, arborizadas, com praças iluminadas, iniciou-se o serviço de águas

16 HOUTART, François “*Religion et lutte de classes en Amérique Latine*”, Social Compass 36 (5/6): 195 – 236, citado por BENEDETTI, 1983, p. 137.

e esgotos, fundaram-se hospitais e escolas. Nos centros mais ricos, como Areias, Bananal, Lorena, Pindamonhangaba e Taubaté edificaram-se teatros, linhas de bondes foram instaladas e, finalmente com o início do transporte por estrada de ferro, completou-se o movimento de modificação da paisagem rural para urbana no Vale.

A riqueza do café permitiu por pouco tempo a expansão e transformação urbana do Vale do Paraíba paulista. O esgotamento das terras, agravado pelo problema de mão-de-obra no início do século XX, já fazia sentir os efeitos que a nova crise econômica traria ao Vale, prolongando-se durante toda a metade desse século.

A procura de novas formas de atividade econômica se impôs. Os cafezais foram sendo substituídos por pastagens. Procurou-se substituir os cafezais também pela cana-de-açúcar, mas essas atividades não foram suficientes para reanimar a economia da região.

Paralelamente os núcleos urbanos, centros de áreas empobrecidas, descobriram, como ocorreu no resto do país, que havia uma possibilidade – a industrialização.

No Vale do Paraíba, a industrialização se dividiu em três fases: a primeira de 1891 a 1914, ligada diretamente à atividade cafeeira, representando a extensão da produção de bens que já eram fabricados naquela época; a segunda de 1914 a 1943, corresponde ao período entre as duas guerras mundiais, caracterizado por início de substituições de importações em setores tradicionais da indústria, como o têxtil, transformação de minerais e de produtos agropecuários para atender ao mercado em crescimento; a terceira fase, a partir de 1943 (instalação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda) até o presente, marca o início da moderna industrialização, com a instalação de grandes plantas de estabelecimentos mecânicos e metalúrgicos, ao lado da modernização das indústrias produtoras de bens de consumo.

Essas transformações econômicas se refletiram na situação demográfica do Vale. No início do século XX, 80% da população estava empregada no setor rural enquanto essa porcentagem cai para 60%, em 1960. Em consequência, caiu drasticamente a participação do Vale do Paraíba no total da área cultivada do Estado de São Paulo, passando de 5,59%, em 1920, para 1,68%, em 1951.

Como consequência da situação peculiar de urbanização rápida e concentração da população nos centros urbanizados, alteraram-se também as práticas do catolicismo na região.

A Igreja perdeu o monopólio quase total que tivera por mais de três séculos, na condução e controle da sociedade.

O desenvolvimento urbano reforçou o comércio e os serviços burocráticos. O trabalho livre obrigou a recorrer aos migrantes europeus portadores de outras tradições. O desenvolvimento das ferrovias em São Paulo aproximou os centros urbanos em desenvolvimento das capitais Rio de Janeiro e São Paulo. As facilidades de comunicação e o aumento progressivo da rede escolar, com inúmeras escolas primárias, secundárias e algumas excelentes escolas de formação do magistério, permitiu aos jovens ingressarem em faculdades de direito, medicina e engenharia,

introduzindo o bacharel e o profissional liberal, como elementos influentes em decisões políticas e administrativas, dando origem à formação de uma classe média urbana.

A Igreja Católica por sua hierarquia no país reagiu às transformações que o país vinha sofrendo desde a segunda metade do século XIX. Juntou-se a essa reação um fator externo, a diretriz de subordinação estrita às diretrizes de Roma, no pontificado de Pio IX, fortalecendo a autoridade papal, processo centralizador das decisões eclesiásticas.

A exemplo do que ocorria na Europa, foi reforçado o poder da Cúria Romana que passou a intervir nos negócios internos das dioceses e até na política interna dos países através das nunciaturas apostólicas, mediante o exercício pelos núncios do papel de mediadores entre países colonizadores e colonizados.

O poder temporal da Igreja passou a ser violentamente contestado e o esforço realizado por Pio IX se insere neste contexto, visando a um equilíbrio de sua autoridade que se esvaziara bastante¹⁷.

Finalmente o SYLLABUS definiu os erros modernos da sociedade, com objetivo de controlar e disciplinar a vida dos católicos.

O fim do regime de padroado que subordinava a nomeação de bispos e vigários ao rei de Portugal, isto é, à autoridade civil, se por um lado foi sentido como uma perda do recebimento dos recursos financeiros que carreava para a Igreja, por outro, a perda dos privilégios pelo aparelho eclesiástico foi um “mal menor, sendo saudada pelos bispos como o fim de uma proteção que os oprimia”¹⁸.

A Igreja já vivia mais da contribuição dos fiéis do que das subvenções financeiras recebidas do Estado, inferiores às necessidades de recursos para manutenção do aparelho eclesiástico.

A separação entre Igreja e Estado, no entanto, colocou em evidência a ruptura entre o clero e a grande massa dos fiéis, que na opinião dos bispos decorria do distanciamento entre a profissão de fé católica e a doutrina da Igreja. O povo se declarava católico, recebia os sacramentos, mas não conhecia doutrina da Igreja. É ignorante quanto a esta doutrina.

Em 1890, para combater os males da Igreja na época, o arcebispo da Bahia Dom Macedo Costa lançou um documento dirigido aos demais bispos, preconizando medidas urgentes para a reforma que se tornava indispensável, visando a garantir a sobrevivência da Igreja Católica no Brasil, no novo contexto social e político em que o Estado não mais sustentaria o aparelho eclesiástico. Em 1915, uma Pastoral assinada por todos os bispos brasileiros retomou o tema, já que a situação se agravava com o surgimento de movimentos religiosos camponeses, como os do

17 Em 1870, foi proclamado o dogma da infalibilidade Papal, reafirmando a autoridade doutrinária do pontífice, num momento em que o poder secular da Igreja e do seu chefe estava em franco declínio.

18 OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro de. 1985, p. 275 e ss.

Contestado, de Antônio Conselheiro em Canudos e do Padre Cícero em Juazeiro. Tratava-se de um **fanatismo** que deveria ser combatido por um esforço de doutrinação do povo¹⁹.

Três eram os pontos que mais marcaram a ação dos Bispos, que continuaram a receber a atenção e cuidados da Igreja, até o Concílio Vaticano II: unidade e autoridade dos bispos, disciplina do clero e regeneração religiosa do povo.

Procurava-se obter como resultado um “catolicismo purificado”, que priorizava a reforma do clero e sua vinculação com a intensificação da atividade pastoral nas paróquias. Pregação freqüente, catequese, visita a escolas, a doentes, fundações de novas associações religiosas, intensificação de exercício de piedade na preparação das festas religiosas e um esforço para aumentar a freqüência dos fiéis aos sacramentos. Assim, vigários e padres obteriam em suas paróquias “veneração e afeição dos fiéis, de um povo que quer e tem o direito a bons pastores”; afirmam os documentos que citamos.

Com essa reforma encetada pelos bispos, padres e congregações religiosas, o catolicismo se amoldaria ao modelo romano, já que o catolicismo luso-brasileiro, na forma como era praticado no Brasil, era uma aberração, privilegiando o culto dos santos.

Para essa missão a Igreja do Brasil procurou na Europa sacerdotes seculares e regulares que empreenderam intensa atividade procurando “corrigir um atraso de três séculos. Uma guerra foi movida contra as irmandades e confrarias”²⁰.

Em Taubaté, como no resto do país, foi bastante sentida essa reforma.

O processo de “romanização” esbarrou com sérias dificuldades nas áreas rurais, onde não era permanente a presença do vigário ou de sacerdotes por ele

- 19 Os nove artigos da Pastoral de 1915 estão transcritos em nossa tese e aqueles que mais diretamente interessam às práticas devocionais como a do Bom Jesus são comentados.
- 20 Vieram para o Brasil, introduzindo novas devoções “purificadas” os Salesianos de Dom Bosco, numerosos no Vale do Paraíba para atender a migrantes italianos, redondoristas e jesuítas trazendo as devoções de N. S. do Perpétuo Socorro e São Luiz de Gonzaga para a juventude. A cada novo santo introduzido correspondia a criação de uma associação pia. Em Taubaté, paróquia a que se subordinava o Santuário do Bom Jesus, existiam além da Irmandade desse nome, a do Santíssimo Sacramento, à qual se filiava a elite local, a Ordem Terceira de São Francisco, a do Senhor dos Passos, a de Nossa Senhora da Boa Morte, a de Nossa Senhora das Dores, e as de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito a que se filiavam negros e mulatos. A mais numerosa e importante era a da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco que além de auferir lucros com festas semiprofanas, possuía rendimentos de um teatro situado ao lado da capela da Congregação embora se ocupasse de obras de benemerência. Exigia dos membros uma elevada jóia e a submissão a um noviciado dispendioso. Excluía pobres e pessoas de cor por expressa disposição estatutária. Era bastante ligada à Maçonaria e a práticas de espiritismo que começavam a ser introduzidas na região. Houve ordem expressa e formal de Roma para sua reforma e no conflito que estabeleceu o Convento foi incendiado. Em 1889, o vigário de Taubaté trouxe da Itália os Capuchinhos de Trento par o convento que revitalizaram a Ordem estabelecendo novos Estatutos.

designado. A dispersão das capelas e as dificuldades de substituir por sacerdotes os agentes leigos impediu uma ação rápida. Eram ainda os capelães, rezadores, beatos e beatas que continuavam a garantir as atividades locais nos bairros dispersos, mantendo as tradições do catolicismo rústico e popular.

Os santuários foram assumidos por ordens religiosas encarregadas de disciplinar as romarias e prestar contas dos recursos econômicos que angariavam, destinando parte deles a manutenção de seminários. Houve choques entre romeiros e padres em vários santuários, mas em Taubaté e Tremembé não houve registro de conflito, pois Tremembé recebeu logo um sacerdote regular para gerir o Santuário do Bom Jesus ²¹, monge trapista.

A Pastoral de 1915 estabeleceu normas para a realização das atividades religiosas em capelinhas de beira de estrada ou de bairros: 1) as capelas não poderiam rezar terços, ladainhas, rezas, etc, bem como realizar festas sem a exibição de autorização por escrito do pároco; 2) cada zelador prestará contas no mês de dezembro de cada ano, das esmolas recebidas e de sua respectiva aplicação no decorrer do ano (Artigo 825 da Pastoral de 1915). O que se procurava era quebrar a dimensão coletiva ou grupal do catolicismo popular, suprimir o poder das Irmandades e confrarias, obtido com suas atividades assistenciais que as tornavam de grande importância para a sociedade local.

A religião praticada pelos fiéis, sobretudo no caso do Bom Jesus de Tremembé, fornecia identidade e homogeneidade à massa dos fiéis que se agrupavam em culto a padroeiros locais e regionais, independente dos limites da paróquia e, embora revelassem diferenças de situações sócio-econômicas, igualava-os nas práticas e ritos comuns a dominantes e dominados. Não se pode porém negar que abusos sérios tenham sido cometidos no emprego das Irmandades e confrarias tanto para obter poder e prestígio, como nas atividades políticas em que se envolveram.

A situação do clero foi um dos pontos mais importantes que iria influenciar as mudanças do catolicismo praticado no Vale.

Até a Independência eram estrangeiros e missionários os sacerdotes que praticavam a catequese, sobretudo sob a forma de Missões periódicas e nas festividades e comemorações da Páscoa e Semana Santa, quando os católicos das áreas rurais se deslocavam para a cidade. Natal e a festa dos padroeiros eram celebrados em família ou nas capelas rurais.

Não faltaram padres no início do povoamento da colônia e no Vale do Paraíba se considerarmos o número de habitantes de então. Quando os jesuítas foram expulsos das colônias portuguesas, no entanto, deixaram um grande vazio de sacerdotes e com a Independência, sacerdotes portugueses e espanhóis não mais se dirigem ao país assim como ao resto da América Latina. A situação de incerteza com a demora em extinguir-se o regime do padroado também influenciou, pois a Santa Sé não

21 Em 1903, chegaram a Taubaté e se estabeleceram em um bairro de Tremembé os monges trapistas, cuja atividade, além de religiosa, foi também social e econômica.

mais podia indicar sucessores para bispados e vicariatos vacantes. Por isso, na segunda metade do século XIX, as formas populares do catolicismo se mantinham mais vivas e atuantes, inclusive com os movimentos de beatos, ermitães, e líderes religiosos como o Padre Cícero.

Só em 1908, o Papa nomeou bispos para cidades paulistas, até então subordinadas ao bispado de São Paulo, entre elas Taubaté.

Em 1909, um sacerdote mineiro, Dom Epaminondas Nunes de Ávila e Silva, foi sagrado bispo da Diocese. Teólogo e canonista, preocupou-se logo em colocar sua diocese dentro das normas oriundas de Roma²².

A fase de urbanização pela qual passou o Vale mantém, em seu primeiro momento, o equilíbrio de um mercado já assegurado pela Igreja Católica na região, de vez que o equilíbrio e a estabilidade também se mantêm na sociedade abrangente. Esse equilíbrio se mantém até a década de 1950, quando um acelerado processo de industrialização, com a instalação do Vale de grandes plantas industriais modernas, altera radicalmente a situação sócio-econômica da população residente na região e atrai para o Vale uma grande leva de migrantes.

4. O SAGRADO, O TRADICIONAL E O PROFANO MODERNOS

A industrialização do Vale do Paraíba, durante a II Guerra Mundial, acelerou bastante, a partir dos anos setenta, quando a General Motors e a Volkswagen se instalaram em São José dos Campos e Taubaté. Até então apenas da fábrica de motores da Ford e da Mecânica Pesada estavam instaladas no Vale. Ainda em Taubaté e, já se expandindo para Pindamonhangaba e em Guaratinguetá, instalaram-se outras indústrias mecânicas e siderúrgicas, como a Vilares, a Confab e indústrias químicas internacionais como a de polipropileno em Tremembé e a BASF em Guaratinguetá, que utilizam produto da Refinaria de Petróleo de São José dos Campos. A instalação do Instituto Tecnológico em São José dos Campos, seguido da fábrica de aviões da Embraer e do Instituto de Pesquisas Espaciais, levou para o Vale uma atividade industrial que passou a requerer mão-de-obra altamente especi-

22 Dom Epaminondas preocupou-se logo em fundar o Seminário Diocesano que recrutou alunos entre as camadas superiores da população, abrigando também jovens pobres já que junto a ele funcionava um Ginásio. Fundou um jornal para a Diocese com tiragens semanais. Criou todas as Associações religiosas recomendadas pela Santa Sé, destacando a Pia União das Filhas de Maria, Congregação Mariana, Assistência Vicentina e Apostolado da Oração. Trouxe para o Brasil religiosas salesianas e de outras ordens e fundou uma Congregação Diocesana de Pequenas Missionárias de Maria Imaculada, recrutando jovens cuja missão era a de cuidar de pobres, doentes e desvalidos. Mereceu a admiração e respeito dos taubateanos pelo seu zelo apostólico, por sua fé ardente e administrador notável. Seus sucessores preocuparam-se com atividades catequéticas e continuaram a sua labuta para manter a Igreja fiel a diretrizes de Roma.

alizada, acarretando com o aumento geral da atividade industrial um grande incremento no setor de serviços. São indústrias capital intensivas que abriram um mercado para instalação de estabelecimentos de ensino de segundo e terceiro graus, inúmeras escolas técnicas para formação rápida de mão-de-obra bastante especializada, até então pouco numerosa no Vale.

O Censo de 1991 indicou para toda a região uma densidade populacional de 101,41 hab/km² e uma taxa de crescimento anual da população de 2,77. A cidade de Taubaté tem 95,5% de sua população na área urbana, e a região de governo em que se insere e que inclui Tremembé tem uma taxa de urbanização de 90,15%. A taxa de mortalidade, inferior à do Estado de São Paulo, foi de 5,74 e a taxa de natalidade decresceu para 22,36, no mesmo nível da registrada no Estado de São Paulo. A mortalidade infantil é ligeiramente inferior à do Estado, com taxa 24,62. Estes índices se alteram bastante para pior nas cidades do Vale, em que a zona rural ainda é predominante em termos de população, como Jambeiro, Areias, Silveiras, por exemplo. As estatísticas educacionais são bastante satisfatórias para todo o Vale: a evasão escolar atinge 10% apenas no 1º grau, porém cresce bastante para o 2º grau, chegando a 20%.

Toda a região Valeparaibana conservou sua característica de ser tradicionalmente receptora de migrantes até o final da década de oitenta, destacando-se a cidade de São José dos Campos, cuja industrialização induzida por facilidades institucionais realizadas pela Prefeitura já causou uma deterioração do seu nível de vida²³, agravando-se sensivelmente com as crises econômicas dos anos 90.

Do ponto de vista econômico, é de se destacar o deslocamento do valor da produção e da mão-de-obra empregada por setores industriais. Em 1960, 59% dos estabelecimentos empregavam 55,9% dos operários e produziam 51,1% do valor da produção. Eram fábricas do setor das indústrias de bens de consumo não-duráveis, com predominância nos ramos de têxteis, vestuário e alimentação. Em 1980, essa participação cai para 40% dos estabelecimentos, 23,3% do número de operários e 13,49% apenas para o valor da produção.

O Vale do Paraíba apresenta hoje uma curiosa situação “bóias-frias industriais”, que se deslocam entre os diversos municípios da região, além de receber diariamente os migrantes de um dia que de toda a região leste da Grande São Paulo e da Capital se deslocam para o Vale. Coexistem no Vale do Paraíba, lado a lado, indivíduos altamente urbanizados e migrantes rurais, nessa povoação flutuante,

23 A crise que se seguiu ao Plano Collor (1990/1991) foi responsável por um elevado índice de desemprego em todo o Vale do Paraíba, sobretudo em São José dos Campos. A população dos municípios menores e dos de urbanização mais antiga sofreu menos, retornando muitos dos seus habitantes a atividades artesanais e deslocando-se para o setor terciário. Houve um interessante movimento de terceirização, passando as grandes indústrias a entregar a unidades menores, serviços como limpeza, jardinagem e até manutenção. Desenvolveram-se pequenas indústrias químicas (material de limpeza) aproveitando os produtos da refinaria de petróleo instalada em São José dos Campos.

incluindo-os no dia-a-dia da vida das cidades. Essa flutuação não é sazonal, mas diária, e convive com os migrantes que se estabeleceram no Vale.

Registra-se uma combinação de tradição e monotonia nos centros menores e dinamismo e modernização nos mais populosos. O Vale oferece, como nos informou um habitante de Tremembé, a vantagem de se poder ter “a roça na cidade”.

Toda essa mudança na vida sócio-econômica pouco interferiu nos hábitos religiosos do Vale.

A religião católica dos praticantes e dos clientes confirmou-se, mas com características diferentes, se considerarmos a fazenda e a cidade, no seu núcleo urbanizado, durante esse período.

Analisamos para verificar essas características uma biografia de filha de fazendeiros que não acompanhou a orientação comum às famílias do Vale do Paraíba, permanecendo até os seus vinte anos na propriedade dos tios, após a morte de seu pai, ali estudando e praticando todas as atividades domésticas e religiosas de seus companheiros de idade²⁴.

Com riqueza de pormenores, Maria Thereza Ramos Marcondes descreve sua vida na roça, os trabalhos domésticos, as dificuldades para estudar, o apelo para que a Tia ensinasse a meninos e meninas da fazenda e das vizinhanças as primeiras letras e o catecismo, a luta contra as doenças, as dificuldades de comunicações e transportes, sem deixar de lado as festas e pequenos momentos de um lazer saudável e comum aos proprietários, já no período da derrocada do café, em 1929, que obriga a família extensa a se separar aos poucos, migrando para Taubaté e outros para mais longe ainda.

Seu relato nos dá conta da permanência de uma religião em tudo conforme às práticas do catolicismo rústico, com o padre comparecendo apenas quando “chamado”, para as datas mais importantes; o ciclo do Natal festejado na própria fazenda para onde acorriam os vizinhos, quando a Tia Pureza se encarregava de todas as orações diante do presépio armado pelas crianças e jovens; romarias à Santa Cruz, um cruzeiro erguido no alto de uma colina por um frade franciscano; as tradicionais festas de Santa Cruz, do Divino Espírito Santo, de São João, São Pedro. As missões continuaram a ser realizadas, pois supriam a falta de padres, mesmo depois da instalação do Seminário Diocesano.

Religião de “muita reza e pouco padre” como já foi rotulada pelos seus analistas, conservava a tradição de um oratório familiar tanto na casa grande da Fazenda como na do mais humilde agregado ou posseiro; continuava a chamar o sacerdote nas festas maiores quer dos seus padroeiros domiciliares como nas dos santos padroeiros, pois a missa e a procissão continuaram como até hoje os pontos altos dessas festas.

As romarias eram correntes, sobretudo a do Bom Jesus de Tremembé como a “Romaria da Capela”, como até a década de 1950 os moradores da área rural

24 MARCONDES, Maria Thereza Ramos. 1976.

denominavam as visitas ao Santuário de Aparecida, que só no governo de Vargas foi designada por decreto a Padroeira do Brasil²⁵. Durante todo o ano, organizavam-se romarias para o cruzeiro e para capelas vizinhas, quer em pagamento de promessas, quer na festa dos padroeiros.

O ponto alto dessas festas eram as do padroeiro das capelas de bairros. Na biografia de Maria Thereza, é descrita a Festa da Fazenda São Joaquim, no bairro em que se situava, e tinha como patrono de sua capela São João Batista, devoção da família proprietária. O padre era chamado em Taubaté e também eram convidados os seminaristas que quisessem vir, entre eles membros da família proprietária. Vizinhos e amigos acorriam, pernoitando na casa grande e nas de vizinhos próximos. Na falta de padre secular entre eles o Padre Cícero, sobrinho do proprietário, recorriam a um frade do convento de Santa Clara²⁶. A capela se situava fora da área da Fazenda, já no bairro próximo e tinha um zelador autorizado pela Igreja, que se ocupava da sua manutenção e das novenas e rezas durante o restante do ano.

Os terços e rezas nos oratórios particulares no interior das residências eram “puxados” por membros da família mais versados nessas orações, por participantes que soubessem ler os devocionários dos santos padroeiros²⁷. Cada indivíduo tinha seu padroeiro particular, além do padroeiro da família e o do bairro em que residia. O Bom Jesus de Tremembé e Nossa Senhora Aparecida eram os padroeiros da região de Taubaté, do Vale e do Brasil, passando a matriz de Aparecida, para onde a imagem fora levada, a receber romarias de todo o Estado de São Paulo, de Minas Gerais e Rio de Janeiro, de início a cavalo, por estrada de ferro e depois com o automóvel e em caminhões ou carros particulares.

Tradicionalmente, a Semana Santa e não o Natal era a comemoração religiosa que atraía os fiéis às paróquias das cidades. Natal se festejava em família e com amigos, mas a Semana Santa, com a obrigação de missa e comunhão era assistida na Matriz, por todos aqueles que se dispusessem a enfrentar as péssimas estradas e caminhos da região, correspondendo ao atendimento de uma diretriz da hierarquia da Igreja da comunhão pascal, ao menos uma vez por ano, no período que vai do Domingo da quinquagésima até a Festa da Páscoa.

Duas manifestações de caráter religioso popular eram freqüentes: a de Santa Cruz, em pagamento de promessas e a Dança de São Gonçalo, ambas dispensam a

25 A distância entre a fazenda São Joaquim e a cidade de Aparecida era relativamente pequena, mas as dificuldades de transporte faziam com que durasse até oito dias em carro de boi ou trole, na década de 20.

26 Os frades franciscanos tanto do Convento de Santa Clara como do “conventinho”, sede anterior do convento em Taubaté, continuavam a merecer a preferência dos católicos para a missa e pregação em festas dos Santos padroeiros, ou, nas festas tradicionais como a de Santa Cruz, como pudemos verificar durante a nossa pesquisa, no bairro de Santa Cruz em Tremembé.

27 A biografia transcreve grande número de orações práticas das devoções particulares e coletivas dos moradores dos bairros vizinhos à Fazenda.

participação do padre, mas são dirigidas nas capelas e cruzeiros por seus capelães, incluindo novena diária²⁸.

Folias do Divino eram correntes. Os bandos precatórios, com sua música conhecida por todos, percorriam sítios e fazendas, angariando prendas e contribuições em dinheiro para a Festa. Tradição que permaneceu até hoje nas áreas rurais do Vale, sobretudo em São Luiz do Paraitinga, situada na mesma região da Fazenda São Joaquim.

Para nossa pesquisa interessou sobremaneira a verificação de que o Bom Jesus da Cana Verde é padroeiro de inúmeras capelas na região rural do Vale e sua festa comemorada com estrutura semelhante a de Tremembé. A Novena é dirigida por “capelão”, mas no dia da Festa cuja data é mudada segundo a disponibilidade de poder contar com um padre, há missa e procissão presididas pelo sacerdote. Só depois de encerrada a comemoração religiosa, é que se inicia a festa popular em terreiro enfeitado com bandeirinhas e barracas de comidas e bebidas. Tivemos oportunidade de verificar que grupos folclóricos comparecem a pedido do festeiro que paga sua promessa, para “homenagear” o Santo. Assistem contritos à missa e seguem a procissão, depositam suas ofertas aos pés da imagem e, no caso de congadas e moçambiques pedem licença ao Santo “para folgar”, quando então passam a dançar no terreiro da quermesse. O jongo e o batuque, danças consideradas, até há pouco tempo, como impróprias para festas religiosas eram correntes nas festas, um pouco às escondidas. O jongo com sua característica de jogo adivinatório (quadrinhas que são enigmas) era praticado na Fazenda São Joaquim.

A biografia de Maria Thereza nos dá uma visão bastante real da vida na área rural do Vale do Paraíba, vida que unia ricos e pobres, proprietários e posseiros, agregados e ex-escravos e afasta a visão estereotipada do caboclo como um ser supersticioso e atrasado, colocando-o perfeitamente adaptado ao seu meio, no isolamento das áreas urbanizadas, mas rico no convívio das comunidades de vizinhança que elegiam como ponto máximo de sua sociabilidade as festas religiosas em seus bairros.

A leitura dessas práticas religiosas confirma a pouca eficácia da reforma ultramontana, empreendida no primeiro quartel do século pela hierarquia eclesiástica católica. Por outro lado, as explicações dos que vêm na postura da Igreja uma aliança com as classes dominantes para “domesticar” a massa camponesa também não se sustentam²⁹.

28 A Festa de Santa Cruz tem caráter coletivo de todo um bairro que erigiu o seu Cruzeiro. Celebra-se a 03 de maio quando se encontra padre. Caso contrário, muda-se a data. A de São Gonçalo é de caráter privado, em pagamento de promessa, às vezes, durante toda a vida sem data fixa.

29 A “romanização”, que visava a purificar o catolicismo de erros superstições, credences e práticas não-litúrgicas, não havia surtido efeito no Vale do Paraíba até 1950 e perdura até hoje como pudemos verificar.

A religião no contexto da atividade agrícola do Vale do Paraíba permanecia como religião camponesa de sujeitos que acreditavam nos poderes dos seus santos padroeiros como intermediários entre o “Deus estabelecido” e os fiéis, justificando e “pagando” seus pedidos por meio de promessas, obras de caridade ou orações contritas que exprimam sacrifícios³⁰, forma que conhecem para retribuir a atenção que mereceram do padroeiro. Religião do “ut et dos”, que reproduz na vida quotidiana relações de “patrão ou senhor” para com seus subalternos ou escravos.

O “mundo” em que essa religião se encerrava começou a sofrer sérios abalos já a partir da década de 1930, com revoluções armadas como a de 1932, que atingiu fortemente o Vale e finalmente com a II Guerra Mundial, quando se concentraram no Vale tropas que seguiram para a Itália, sendo que o 6º Regimento de Infantaria sediado em Caçapava, além de ter sido dos primeiros a partir para a Europa, levou muitos jovens da região que não mais regressaram.

As práticas agrícolas e o sistema viário da região transformaram-se completamente. Mecanização, irrigação e o cultivo do arroz e de novas variedades de milho alteraram as práticas agrícolas sob a direção dos agrônomos da Secretaria de Agricultura. O rádio e, depois, a televisão modificaram substancialmente as formas de lazer da população. Pouco restou da tradição neste contexto do Vale do Paraíba moderno, sendo de surpreender a permanência das tradições religiosas que pesquisamos e analisamos na Festa de Bom Jesus de Tremembé.

5. O CAMPO RELIGIOSO DO VALE DO PARAÍBA NA ÁREA DO BOM JESUS DE TREMEMBÉ.

Rompido o monopólio religioso com a separação da Igreja e Estado, a religião católica passa a ser praticada em situação de concorrência com outras religiões que se estabelecem na área. São sobretudo as evangélicas e mediúnicas que maior concorrência fazem ao catolicismo.

Foram quatro, os períodos em que se dividiu a situação religiosa no Vale: no primeiro, do início do povoamento até 1830, foi completo o monopólio pelo catolicismo com predominância das práticas religiosas populares nos bairros rurais; o segundo, a partir de 1830, da euforia cafeeira até o estabelecimento do bispado de Taubaté, se distingue pela chegada de religiões não-católicas, sobretudo protestantes históricos, religião trazida por emigrantes europeus; o terceiro caracteriza-se por uma estabilidade das práticas católicas “purificadas” pela romanização até 1950,

30 As promessas pessoais exigem, às vezes, pesado sacrifício físico dos fiéis: jejum acompanhado de orações demoradas, rezar o terço de joelhos e assim caminhar da porta da Igreja até o altar do Santo, não comer doces feito por crianças e mulheres. Os sacerdotes procuram substituí-las, quando solicitados os votos que incluam comunhão e orações oficiais.

ampliando-se a atividade das religiões evangélicas, com a chegada da Assembléia de Deus e sobretudo por práticas mediúnicas introduzidas pelo espiritismo kardecista; o último, de 1950 a 1980, marca a entrada, sobretudo na área rural, ainda pouco afetada pelas outras religiões, das igrejas “bíblicas”, Adventistas e Testemunhas de Jeová, sobretudo e mais recentemente pelas Igrejas Pentecostais, além da Umbanda que só recentemente se consolidou no Vale, trazida por migrantes do Rio de Janeiro e São Paulo, enquanto as pentecostais são em sua maior parte freqüentadas por migrantes mineiros.

A maior retração se deu contudo nas religiões protestantes históricas, enquanto no catolicismo foi grande a influência do espiritismo, sem abandono de práticas católicas, apesar do combate ferrenho movido pelos sacerdotes católicos, em obediência às diretrizes da alta hierarquia eclesiástica.

Os agentes católicos atualmente incluem grande número de sacerdotes de ordens religiosas, sendo poucos os seculares formados pelo Seminário de Taubaté.

Durante estes quase quatrocentos anos de colonização do Vale do Paraíba paulista, a religião passou por transformações em suas práticas externas. De uma atividade missionária, acompanhada por “agentes autônomos da magia católica” – capelães e rezadores – para a fase de conflitos entre as práticas populares e o catolicismo oficial, durante as tentativas de romanização, a “religião dos fazendeiros”, aliada aos sacerdotes muitos deles proprietários de terras e saídos das elites locais, sobretudo entre 1850 e 1908, durante a questão religiosa. Impera hoje no vale um pluralismo religioso, com a Igreja católica enfrentando lutas internas e externas, sobretudo após as disposições do Concílio Vaticano II. A forte expansão das igrejas pentecostais foi acompanhada pela introdução de cultos orientais, a proliferação de centros de umbanda e o desenvolvimento de grupos esotéricos laicos.

Todos os nossos informantes salientaram a influência de modernas técnicas de propaganda religiosa por meio dos meios de comunicação de massa, pouco se referindo às transmissões da Rádio Aparecida e, ultimamente, aos programas católicos nas televisões. A única exceção é a missa dominical transmitida de Aparecida a que assistem, mesmo freqüentando as missas dominicais de suas paróquias.

Nada impede, porém, o trânsito por mais de uma confissão religiosa e são freqüentes os retornos ao catolicismo por parte de “convertidos” às seitas pentecostais que pregam exaustivamente o abandono do “culto de imagens”. A fé e devoção ao Santo Padroeiro para os mais velhos e o fim da fase de ajustamento de migrantes jovens à vida urbana nos pareceram ser o motivo mais freqüente dessa volta ao catolicismo de origem.

O protestantismo e as seitas, além de deixar de orar pelos mortos, prática arraigada entre a massa católica, despiu-se dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado, como afirma Berger: “O mistério, o milagre e a magia”³¹. Esse processo foi agudamente sentido na expressão **desencantamento do**

31 BERGER, Peter. 1985, p. 124.

mundo. A Igreja Católica purificou suas práticas de milagre e magia, no período da romanização e após o Vaticano II, despiu seus templos de santos e adornos.

A reação dos fiéis e clientes do catolicismo foi bastante sentida. Apenas os mistérios permaneceram, por dogmas que fogem à compreensão do catolicismo popular e até de letrados, em uma população majoritariamente católica. Dos 90% de cidadãos que se declararam católicos no Censo de 1991, apenas um terço deles se considerou praticante, obedecendo com maior ou menor rigor às diretrizes da Igreja.

O que mais se pôde observar no catolicismo praticado no Vale do Paraíba, confirmado pelo vigário de Tremembé, foi a transformação da religião de manifestação coletiva para práticas privadas e individualistas, que nem sempre representam uma atitude secularizante.

Domina na maioria de nossos entrevistados uma atitude de fé, respeito e obediência aos princípios da religião católica, embora pareçam não mais praticar e participar de manifestações coletivas, o que atribuem à radical mudança do gênero de vida, com o setor industrial e de serviços, substituindo quase totalmente a atividade agrícola da população.

Não são nem mesmo fiéis de domingos, já que as grandes indústrias, muitas vezes, exigem a presença de seus empregados nos dias santificados. São os percalços da sociedade urbano-industrial moderna, que se refletem em uma secularização da cultura, nem sempre acompanhada de uma secularização da consciência dos indivíduos, no que se refere à religião.

6. A FESTA DO BOM JESUS EM TREMEMBÉ NO FIM DO MILÊNIO

A capela do Bom Jesus, depois substituída por uma Igreja em 1663, foi ampliada muitas vezes. Atualmente, a Basílica do Bom Jesus é muito bem conservada. Embora seja de bom tamanho para a população residente na cidade, é muito pequena para a quantidade de fiéis que acorre a Tremembé durante a Festa³².

Depois das normas prescritas pelo Concílio Vaticano II, todas as cerimônias religiosas se realizam em português e na frente do altar-mor em que está colocada em posição altaneira a imagem do Bom Jesus. A Basílica não tem a forma perfeita de uma cruz, resultado de suas transformações de uma igreja colonial em Basílica moderna. É muito bem decorada, tem ao fundo um pequeno nicho e altar para a imagem de Nossa Senhora Aparecida e em capela lateral, fora do corpo principal, uma imagem de São Benedito, devoções tradicionais do Vale.

Fora do mês da Festa, que vai de 27 de julho a 20 de agosto, a Basílica é freqüentada pela população local e por visitantes das cidades vizinhas e mesmo de São Paulo e Estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, em cumprimento de promessas.

32 A população da cidade aumenta em mais do dobro neste período.

O vigário considera satisfatória a frequência à missa e aos sacramentos. Há missas em bairros mais populosos da paróquia, o que diminui a frequência à Basílica pela população local fora do tempo das festas religiosa e profana. São poucas as romarias e essas visitas se dão com caráter particular. No caso de romarias é necessário solicitar com antecedência a autorização para dizer missa, fora dos horários normais da Paróquia.

Os batizados são a maior atividade sacramental da Basílica. São quase sempre cumprimento de promessas, para agradecer a obtenção de parto normal e cura de moléstias infantis. Os casamentos, que haviam diminuído, vêm aumentando regularmente, sobretudo depois que ficou hábito os noivos da classe alta de Taubaté realizarem suas núpcias na Basílica, seguidas de recepções em grandes mansões, transformadas em "buffets" em Tremembé.

Durante todo o dia seis, os fiéis passeiam pelas ruas da cidade, visitam parentes e amigos quando os têm, fazem piquenique no parque da fonte atrás da Basílica³³, esperando pela procissão. Porém, durante todo o dia chegam de Taubaté, Pindamonhangaba e Caçapava fiéis que se utilizam dos ônibus regulares, cuja frequência é muito aumentada neste dia. É enorme o número de automóveis e caminhonetes que chegam a Tremembé, constituindo o estacionamento um dos sérios problemas da Festa.

A participação da população local é intensa. Banda de música e fanfarra de jovens mantida pela Prefeitura, doações do comércio local para melhorar o som e enfeitar a cidade, colaboração intensa da Prefeitura e das autoridades policiais para dirigir o trânsito e coibir exageros ou arruaças³⁴.

A procissão percorre um trajeto que é considerado o "quadrilátero sagrado" da cidade. O respeito é total, bares e sorveterias se fecham, durante a passagem da procissão, sacadas enfeitadas e ruas cobertas de folhas, prática que vem diminuindo ultimamente, mas o silêncio é impressionante, apenas quebrado pelas exortações do vigário e pela oração da Irmandade do Bom Jesus, a única associação a participar do cortejo, depois da recepção de novos membros que é realizada pouco antes da saída da procissão. Apenas o andor de Nossa Senhora das Dores, carregado pelas senhoras da Irmandade é levado em procissão. Toda a atenção é dispensada ao andor do Bom Jesus, o mesmo que está no interior da Basílica que é carregado por homens, muitas vezes em cumprimento de promessa. As filas são irregulares à beira das calçadas, mas, uma enorme massa popular segue após a autoridade eclesiástica, sacerdote visitante, que sob um pálio encerra a procissão, parecendo atender às

33 A fonte está fechada por ordem da CETESB, pois a água é contaminada por resíduos fabris e dejetos de esgoto. Tem sido promessa constante dos prefeitos reabrir a fonte com condições sanitárias satisfatórias, porém para desconsolo da população, ainda não foi concretizada a obra. O parque foi reformado recentemente.

34 No dia da Festa e nos finais de semana que a antecedem e seguem, o destacamento local da polícia recebe reforço vindo de Taubaté.

exortações do vigário que repete “O Bom Jesus é do Povo”, rechaçando qualquer discriminação entre fiéis pobres e ricos.

Não há comércio de imagens do Bom Jesus ou outros Santos na cidade. Alguns fiéis que desejam a imagem devem procurar o zelador da igreja, que em sua casa, e em caráter privado, possui poucos exemplares para venda. No dia da Festa – seis de agosto – aparecem alguns ambulantes que trazem de Aparecida, onde há uma fábrica de santos, imagens para vender, pequenas e muito toscas.

Nos dias da novena e da Festa há, durante as missas, pregação, em geral por outros sacerdotes, já que o vigário tem de se desdobrar, com o auxílio esporádico de algum sacerdote vindo de Taubaté, nas confissões e organização dos eventos religiosos. Salientou o vigário o grande aumento de comunhões no dia da Festa que atingiu, em 1994, a mais de 5000.

A estrutura da Festa em nada difere das demais festas de santos padroeiros. Novenas e missas durante os dias que a antecedem o dia da Festa. No dia seis, Alvorada com banda de música e rojões, missa solene às 10 horas da manhã, visita durante todo o dia da imagem colocada em andor e ao alcance dos fiéis que a tocam e, muitas vezes, retiram uma flor ou pedaço do tecido que reveste o andor para guardar como lembrança, deixando suas esmolas em geral de pequena monta, procissão e missa campal à tarde.

A missa das 10 horas, celebrada pelo Bispo de Taubaté, tradicionalmente, é o ponto alto dos festejos religiosos, embora a festa de massa seja a procissão e missa campal da tarde. Pregada pelo próprio Bispo ou orador especialmente convidado, reúne autoridades civis e religiosas, comerciantes, fazendeiros, funcionários e muitos devotos vindos de Taubaté. O dia 06 de agosto é feriado local em Tremembé e apenas as pessoas que por problemas de emprego ou saúde são obrigadas a se deslocar da cidade deixam de comparecer às festividades, assistidas até por praticantes de outra religião. Atribui o vigário essa peculiaridade ao fato de que não se trata apenas de devoção a um Santo, mas de culto ao Deus Filho, perseguido e padecente.

Há uma sala de milagres, com ex-votos em sua maioria fotografias e as habituais esculturas em gesso ou cera de cabeças, pés, braços, pescoço, etc. É pequena e não tem a importância de outros centros que visitamos. A cada ano, informou o zelador, são retirados e queimados alguns ex-votos, para dar lugar a outros. Acender velas é proibido na Igreja, estas são deixadas na sala, para futura utilização.

As promessas são quase todas relativas a cura de doenças, mas, nas últimas crises econômicas apareceram inúmeros agradecimentos pela obtenção de emprego ou conservação do que já tinham os fiéis. É grande o número de agradecimentos pelo fato de ter saído com vida de acidentes rodoviários, sobretudo na Via Dutra.

Não há o hábito de tirar ou vender “medidas ou fitas do Santo”. Durante a procissão pelas ruas calçadas de paralelepípedos irregulares pudemos observar grande número de devotos carregando seus sapatos e fazendo o percurso da procissão descalços. Há promessa de vestir criança de “anjo”, para acompanhar com

os pais a procissão, bem como doação de jóias, cabelos, etc. Há promessas coletivas, como a de grupos de moçambique de cidades vizinhas, trazidas por fiéis que fazem promessas de trazer esta manifestação folclórica.

As romarias pouco numerosas são de cidades próximas. Têm o caráter ambíguo de promessa e lazer e, dadas as exigências que já apontamos, se caracterizam por ser uma “estrutura de encontro, conflito e compatibilização entre a religião popular e a instituição oficial de regulação autoritária, - ortodoxia e ortopraxis, - da religião católica”³⁵.

Durante nossa pesquisa observamos apenas uma romaria a cavalo, tradicional em outras épocas, mas o vigário nos informou que há romarias a pé de Pindamonhangaba e Taubaté e ultimamente romarias de motociclistas.

Toda a responsabilidade pela organização material e financeira da Festa é de uma Comissão eleita a cada ano, entre leigos da paróquia, que, sob a direção do vigário, trabalha desde o mês de janeiro para o êxito do empreendimento.

As atividades profanas como freqüência ao parque de diversões só tomam impulso após o encerramento da missa campal, assistida praticamente por todos os fiéis que acompanham a procissão.

As atividades profanas são as que ocorrem em todos os eventos populares, religiosos ou não, do país. Barracas de comidas e bebidas, jogos de prendas, tiro ao alvo, e apresentação de artistas, sobretudo de música caipira, tão ao gosto da população que as freqüentam. Ultimamente, shows de artistas populares vem ocorrendo, com grande conotação política pois toda a parte profana da festa é organizada pela Secretaria de Cultura da Prefeitura local, que controla barracas e pontos de venda, instalação de jogos e sobretudo delimita a área do grande parque de diversões montado por firma particular, que satisfaz às exigências de seus freqüentadores, incluindo a cada ano novos brinquedos. Há uma invasão de jogos eletrônicos e fliperamas, ausentes até há pouco da Festa. Grandes roletas sorteiam prêmios, é uma das maiores atrações. Não vimos leilões e fomos informados que isto só tem acontecido atualmente nas festas de bairros, menores e comunitárias³⁶.

O que mais impressiona ao pesquisador é a manutenção de ordem e a higiene e limpeza que dominam a área da festa profana. Poucas são as ocorrências policiais, quase sempre tarde da noite, por excesso de bebida ou briga sem maiores conseqüências.

A Festa profana continua a manter a tradição de ponto de encontro de jovens e de namoros tão comum nas quermesses e feiras populares. Os habitantes mais velhos que entrevistamos reclamam da falta de animação da festa atual, é uma memória saudosista, do tempo em que os peregrinos permaneciam acampados em

35 SANCHIS, Pierre, 1979, p. 245.

36 Pudemos participar de uma dessas Festas, organizada por Festeira que tradicionalmente a realiza por promessa na Festa de São João, bairro central de Tremembé do mesmo nome.

torno da Igreja durante vários dias e animavam a pequena Tremembé que mal tinha 3 000 habitantes (atualmente tem 35 000 habitantes aproximadamente).

O encerramento da Festa do patrono a seis de agosto se dá com uma tradicional queima de fogos em grande terreno de 1 000 metros quadrados, bem distante da área do parque de diversões.

Tanto a Prefeitura como a Basílica apresentam prestação de contas da receita e despesas da Festa, sempre lidas pela população, pois são colocadas em locais visíveis na sede da Prefeitura e na Basílica.

Procuramos com aplicação de formulários verificar a atitude da população jovem de Tremembé quanto à Festa³⁷.

São em sua maioria os nossos entrevistados filhos de pais que já nasceram em Tremembé, com exceção dos residentes nos bairros periféricos junto à Taubaté, onde se concentram migrantes recentes e a população que avançou sobre a divisa entre os municípios de Taubaté e Tremembé.

O resultado do inquérito revela uma participação religiosa bastante satisfatória às missas e sacramentos, tanto durante a festa como durante todo o ano. Obtém conhecimento da Festa e seus eventos pelo tradicional sistema dos cartazes colocados nos locais de movimento da cidade e às vezes na própria escola. Não fazem refeições nas barracas, nem mesmo na do Bom Jesus, abençoada pelo Padre na abertura da Festa e única exceção de participação do vigário na Festa profana, limitam-se a tomar sorvetes, comer cachorro quente ou o tradicional sanduíche de lingüiça calabresa, influência da colônia italiana, consumindo refrigerantes.

A pergunta aberta sobre a cidade e a Festa, embora não respondida por cerca de 40% dos consultados, indica que gostam da cidade e de nela residir, apreciando o clima e a tranquilidade, bem como a facilidade de transporte para Taubaté e São José dos Campos, cidades que lhes proporcionam a agitação Moderna. Durante a Festa, acompanham os eventos profanos, shows e espetáculos de balé, de teatro trazidos pela Prefeitura para animar o Parque.

Embora achem o vigário muito severo, não houve queixas mais importantes sobre sua atuação. Muitos freqüentam a paróquia do Jardim Santana, onde um sacerdote jovem dirige a pastoral da juventude. Participam da procissão e missa campal.

Ficou patente a importância da Festa como data que organiza a vida local³⁸. Aliás, a própria Prefeitura local dá patrocínio também às festas que se realizam nos bairros, como verificamos no calendário organizado pelo setor de Turismo da municipalidade.

37 Os formulários foram respondidos por 200 alunos da 8ª série e do 1º ano do Curso de Magistério do Colégio Estadual Manuel da Costa Cabral e mais 50 por alunos de uma Escola Técnica de 2º Grau local.

38 O Diretor do Colégio Estadual nos informa que o 2º período letivo do ano escolar em Tremembé só se inicia efetivamente após 6 de agosto, data da Festa.

A Festa do Bom Jesus de Tremembé é realmente uma Festa de massa, pois a população que a ela aflui, beneficiada hoje pela facilidade dos meios de transporte rodoviários, eleva substancialmente o número de indivíduos que circulam pela cidade.

Embora não tragam problemas de segurança e comportamento para a população local, transformam radicalmente o dia-a-dia dessa população. Aqueles que se sentissem incomodados, poderiam recorrer ao expediente de abandonar a cidade, dirigindo-se para Ubatuba ou sítios de sua propriedade.

Poucos o fazem, no entanto, pois a presença na festa e a devoção ao Bom Jesus para os católicos é ponto de honra e marca a identidade dos residentes de Tremembé, até mesmo daqueles que lá residem há poucos anos. Todos se empenham para que os visitantes levem da cidade a melhor das impressões e que a devoção do Bom Jesus seja acessível a todos os fiéis.

7. A MARCHA DA SECULARIZAÇÃO E A RESISTÊNCIA DA TRADIÇÃO

Adotamos na pesquisa e na sua apresentação a diretriz de que o termo secularização refere-se “a processos disponíveis empiricamente de grande importância na história ocidental moderna”, como propõe Berger e com ele, que o processo de secularização tem conexão histórica, não implicando que seja considerado como “uma certa realização lógica do cristianismo”³⁹.

Há uma secularização verificável na história econômica e social e outra que afeta a cultura.

Em Tremembé, com sua devoção ao Bom Jesus, a primeira se caracterizaria pela expropriação de terras da Igreja, emancipação da educação e da assistência social do poder eclesiástico e medidas semelhante, decorrentes da separação da Igreja e do Estado. Ora, na região de Taubaté e no patrimônio religioso de Tremembé, as terras da Igreja já tinham sido objeto de compra e venda muito antes da separação Igreja-Estado; a educação, só no período da romanização, ficou preponderantemente a cargo de colégios dirigidos por religiosos e acessíveis à elite, época que correspondeu também à disseminação da escola pública no Vale, algumas gozando até hoje da reputação de excelentes, sobretudo no que se refere aos cursos de formação para o magistério e escolas técnicas.

Mais evidente é a postura dos senhores de terra frente às investidas do poder eclesiástico, desde o século XVIII, quando um neto do fundador de Tremembé enfrentou na justiça o vigário colado de Taubaté. Depois, a atividade das irmandades se sobrepondo às diretrizes eclesiásticas, no século XIX. Embora não tão atuantes como em outras áreas do país, as irmandades dirigidas por leigos que utilizavam a ideologia religiosa para encobrir seus desígnios de poder e hegemonia das classes economicamente dominantes. Os conflitos foram freqüentes com o clero e

39 BERGER, Peter L., 1985, p. 119.

culminaram com a drástica reforma da Ordem Terceira de Taubaté. Não se pode negar que os padres influenciavam a vida econômica, política e social do Vale, mas o faziam como membros de uma elite local, porque recrutados no seio da classe dominante; eram também proprietários de terras e possuidores de riqueza temporal, tendo títulos de nobreza, como foi o caso de Dom José Pereira da Silva Barros. Outros taubateanos que ascenderam aos altos postos na hierarquia eclesiástica foram titulares de dioceses em outras cidades de São Paulo e do Brasil⁴⁰. Mas, como dizia o povo em sua sabedoria, “a Irmandade mandava mais que o Papa”.

A assistência social que é preconizada pela romanização para combater os males da modernização só se manifestou na construção e manutenção de hospitais – As Misericórdias – e em asilos e orfanatos, mas no Vale eles foram na maioria dos casos iniciativa de particulares, em geral comerciantes. A elite do café preferia contribuir para instituições criadas ainda no Segundo Império, recebendo em troca títulos de nobreza ou cargos na hierarquia da Guarda Nacional, como ocorreu com o avô da jovem cuja biografia transcrevemos em parte, em nossa Tese.

A situação não é a mesma quando se fala em secularização da cultura.

Quando se fala da cultura é necessário não esquecer que estamos tratando de símbolos e idéias. A secularização age então sobre outros fatores, sendo mais que um processo sócio-estrutural e afeta a totalidade da vida cultural na filosofia, nas artes, na literatura e na ascensão da ciência, que daria uma explicação do mundo autônoma e secular, proporcionando perspectiva também autônoma do mundo, completamente separada das explicações religiosas. Há, portanto, uma secularização da sociedade e da cultura, mas além disso, há uma secularização da consciência porque “Ocidente moderno vem produzindo um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas, sem o concurso das interpretações religiosas”.

A secularização da cultura não atinge uniformemente os diversos setores da sociedade moderna: o impacto da secularização é mais forte entre os homens do que entre as mulheres, entre pessoas mais idosas do que entre as muito jovens, nas cidades do que no campo, em camadas diretamente relacionadas com a produção industrial do que nas ocupações tradicionais (como artesãos e comerciantes individuais), entre os protestantes e judeus do que entre católicos, em pessoas com alto índice de escolaridade do que entre os de baixo e médio nível de instrução.

A presença de traços secularizantes mais marcantes entre homens e visível, desde a época colonial, constando das descrições de viajantes e da análise da violência no Vale do Paraíba, empreendida por Maria Sylvia C. Franco. A presença entre indivíduos adultos, embora menos visível, encontra-se nas altas porcentagens das estatísticas de não praticantes em todas as religiões, mas mais acentuada no catolicismo, por ser a religião majoritária dos que se declaram religiosos. Quanto a maior incidência nas cidades, ela se verifica pela persistência do catolicismo dos

40 Destaca-se entre eles Dom Duarte Leopoldo e Silva, taubateano e bispo de São Paulo na época da implantação da romanização.

bairros rurais e na crescente distância da religião mantida por trabalhadores ligados à indústria moderna, recentemente instalada no Vale do Paraíba.

É menos visível entre trabalhadores de profissões mais tradicionais, artesãos e pequenos comerciantes tão numerosos no Vale, que só recentemente conheceu a modernização do comércio e serviços, explorados por cadeias nacionais e estatais como as de supermercados, fornecedores de água, telefone e energia elétrica, serviços de transportes locais e regionais entre outros, introduzindo na área relações impessoais e distantes.

São mudanças culturais de impacto sobre o modo como encaram a vida e o mundo que os cercam, indivíduos em número cada vez mais crescente. Hoje, no Vale do Paraíba, a disseminação dos meios de comunicação de massa, sobretudo a partir da década de sessenta, com o advento da televisão nas cidades e, a partir dos anos setenta, com a chegada desse meio nas áreas rurais beneficiadas com a distribuição farta de energia elétrica, ficou disponível para a população o acesso aos fatos e idéias que contribuem para o “desencantamento do mundo”.

A civilização moderna, tendo como palco privilegiado a área econômica e como “portador” a dinâmica do capitalismo ocidental, mais o efeito secularizante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa, indicam que a sociedade industrial com seus estilos de vida concomitantes, acentuados nas sociedades de massa formadas pela expansão dos meios de comunicação, são evidências de um processo global de *secularização objetiva*, empiricamente demonstrável, que se registra em países socialistas e não socialistas que utilizaram os mesmos indicadores tanto para lamentar os maus resultados obtidos pelo ateísmo científico, como para lamentar os insucessos da evangelização⁴¹.

Mais difícil é verificar a secularização subjetiva ou das consciências.

Sociedades tradicionais e sociedades industriais foram e são sempre tomadas como tipos ideais, não empiricamente observáveis, mas que devem ser adotados para que se verifiquem o afastamento ou semelhança dos parâmetros utilizados para defini-los. No caso do Vale, nós utilizamos os índices de urbanização ligados à industrialização moderna para analisar a evolução da sociedade tradicional predominantemente rural para a sociedade urbano-industrial atual. Esse processo, como salientamos, não atingiu o Vale de maneira uniforme, tendo se concentrado na porção média do rio, em território paulista. Também não pode ser considerada a hipótese de que a secularização atingiu apenas as áreas urbano-industriais, quando a sociedade abrangente é afetada quase que uniformemente pela veiculação secularizante dos meios de comunicação de massa.

Cabe, como propõe Rambaud e Vinciennes, utilizá-los especificamente em cada pesquisa, já que a dicotomia rural-urbano-industrial não se sustenta atualmente nem seus sucessores, o “contínuo rural-urbano”⁴².

41 Conforme BERGER, P. L., 1985, p. 122.

42 RAMBAUD, P. e VINCIENNES, M., 1969.

Weber e posteriormente Berger, em suas análises, indicaram a suspeita de que o vírus da secularização já era encontrado no cristianismo, existindo “alguma conexão básica entre cristianismo e o caráter do mundo ocidental moderno”⁴³, visível processo no qual o protestantismo desempenhou um papel importante. Mas Berger mostra, em comparação minuciosa, que o catolicismo, graças à ampla riqueza e a “plenitude” do seu universo, sem levar em conta justificações teológicas, preenche muito mais o âmbito do sagrado, amortecendo o processo de desencantamento do mundo. O protestantismo polarizou a realidade em uma divindade transcendente e uma humanidade desprovida de qualidades sagradas, entre as duas ficando um universo destituído de numinosidade. O mundo se torna fechado ao “sagrado” e, religiosamente falando, muito solitário, acarretando uma crise de credibilidade na religião à medida que o pluralismo religioso avança numa busca de legitimação dos conteúdos religiosos das várias confissões.

A elaboração de tipologias para análises de situações religiosas parece também insuficiente, diante da situação de pluralismo religioso que encontramos em região de povoamento antigo e que guarda tradições seculares no que se refere as manifestações religiosas, bem como dos recursos ao apelo de agentes leigos (embora formados pelos agentes oficiais) nas práticas religiosas até mesmo de cerimônias religiosas realizadas em áreas urbanizadas.

A “romanização”, com as medidas rigorosas que adotou no Brasil, no caso do Vale do Paraíba, teria se ajustado a uma situação sócio-econômica concreta e a um imperativo religioso da falta de sacerdotes, atraindo os agentes leigos que os auxiliam, mas que aos olhos da massa de fiéis e clientes são vistas como fator secularizante. O processo tem outras facetas e fatores, dentre os quais destacamos na Festa do Bom Jesus a completa separação de eventos profanos das celebrações religiosas. Para o homem comum e seu senso de realidade, a própria Igreja Católica separa o sagrado e o profano, a religião e o mundo, como é sintetizado por alguns dos nossos entrevistados: a religião é uma coisa e o mundo outra, justificando atitudes que pouco tem a ver com a ética e a moral católicas.

Em Tremembé e na sua Festa, como já foi observado em outras regiões do país em manifestações semelhantes, não há oposição rígida entre erudito e popular no campo religioso, tendo a elite se apropriado da festa, apesar dos esforços do vigário, mas, registra-se uma situação de concorrência nas camadas populares entre agentes e agências mais próxima de rivalidade do que de luta aberta. Assim, “as relações de acordo ou de hostilidade no campo religioso predominantemente católico no Vale do Paraíba e em Tremembé conforme declarou o vigário adotam um ecumenismo bastante visível após o concílio Vaticano II, entre protestantes históricos e católicos. A religião “acaba por incorporar-se como parte dos estoques de práticas colocadas a serviço dos interesses também terrenos de camponeses e operários”⁴⁴, como já teria servido à hegemonia das classes dominantes na socieda-

43 WEBER, Max. *Ética Religiosa e “Mundo”*, 1964, p. 352. P.L. BERGER, 1985, caps. 5, 6 e 7.

44 BRANDÃO, Carlos R., 1980, p. 298.

de senhorial do século XIX, e a Igreja se ajusta aos novos tempos, sem abrir mão dos seus dogmas intocáveis.

Preocupada com os excessos liberalizantes e com a rigidez regulamentadora, a Igreja Católica, após o Concílio Vaticano II e na América Latina a experiência mal resolvida da “Teologia da Libertação”, reagiu com sucessivas reuniões do Episcopado Latino Americano – a CELAM – visando a resguardar a essência dos dogmas que são questões de fé e, no que tange as práticas, afastando aquelas que ferem princípios morais que defende.

A relação dos problemas sociais que afetam a Igreja Católica, conduzindo a situação de processos mais ou menos rápidos de secularização foi amplamente debatida na reunião de Santo Domingo, em que o Papa fixou a diretriz para enfrentá-los, cuja aplicação ainda não se pode avaliar, em virtude de sua recente promulgação, mas que o vigário de Tremembé, zeloso para garantir a manutenção da ortodoxia católica, incorporou nos sermões da novena em 1993, praticamente seis meses depois de conhecidos⁴⁵.

Diante da atual situação das disposições eclesiais, como da falta de estudos com dados suficientes para que se possa avaliar a intensidade e profundidade do processo em seus aspectos subjetivos, é com perplexidade que se observam os surtos de religiosidade que irrompem no Vale do Paraíba e que já atingem Tremembé, como a proliferação das seitas, a implantação de religiões exóticas ou de inspiração oriental, as crescentes sociedades esotéricas, extraterrenas e, no campo religioso tradicional católico ou não, uma volta a posições que defendem a manutenção das cerimônias com liturgias que haviam sido abandonadas após o Concílio, numa defesa intransigente da tradição.

A devoção ao Bom Jesus parece responder a essa busca do sagrado atual:

1. Mais do que representar a religião popular com a sua relação santo/fiel, ela garante a relação ambígua entre o numinoso, o mistério e o tremendo de que nos fala Rudolf Otto, analisando o problema do protestantismo, já que guarda um dogma católico da morte e ressurreição do Cristo – o Filho no cristianismo⁴⁶,

2. Satisfaz a piedade e devoção do catolicismo popular com a figura de um Deus humilde e padecente, que, além de se ter encarnado e passado pelas vicissitudes de uma vida pobre e sofrida, padeceu até a morte para salvar a humanidade. Daí o apelo das seitas evangélicas à figura do Cristo, sem referência às demais pessoas da Santíssima Trindade, outro dogma católico, mas de fácil apelo emotivo e comercial, já que, como diz Berger, nos Estados Unidos, de onde provém a maioria dessas religiões ou seitas, foram as Igrejas que se secularizaram e comercializaram.

3. Segundo o mesmo autor, a “intransigência teológica”, apesar das liberalizações do Vaticano II, revelou por parte da Igreja “um grande instinto sociológico”, que lhe tem garantido êxitos na sobrevivência da instituição. Na celebração da Festa do Bom Jesus, esse fato é sensível.

45 Para índices de secularização, ver FIERR, A., 1979.

46 OTTO, Rudolf. *O Cristo cultuado é o “Eccē Homo”*, 1985, p. 165.

4. A Festa do Bom Jesus revela processos de secularização e atualização muito mais marcantes nos seus aspectos profanos de caráter sócio-econômico, mas, como já fora observado por Sanchis⁴⁷, são os católicos mais modernizantes no secular, que reagem contra qualquer alteração de suas práticas, inclusive negando mudanças.

5. Se como afirma Berger, o

futuro da religião em qualquer lugar será modelado decisivamente pelas reformas que discutiram secularização, pluralização e "subjetivação" e pelas formas com que as diversas instituições religiosas reagirem a essas forças, pode-se prever que a Festa do Bom Jesus tem fortes indícios de se perpetuar e que as atuais preocupações da Igreja Católica com a pluralidade cultural em que se insere são boa rota para sua própria sobrevivência.

Não pensamos em generalizar esses resultados. Afinal, é a própria justificativa teórica que nos impõe a necessidade de considerar o processo de secularização em situações históricas concretas, no interior do pluralismo cultural do mundo atual.

Se um estudo de caso pode contribuir para despertar a atenção para esses problemas, já nos consideramos recompensados pelo nosso esforço.

A religião, sob forma de endemia ou de epidemia, como também analisou Nakamaki em estudo de caso, continuará sendo um campo perene de indagações a responder ou mesmo decifrar, sobretudo nas áreas em que ao pluralismo religioso se acrescenta o pluralismo cultural abrangente⁴⁸.

A religião Católica no Brasil, como indica Paula Montero, "tem se mostrado particularmente sensível ao dilema que opõe sua vocação universal às exigências missionárias de incorporação das especificidades culturais locais", o que se expressa através do conceito de *inculturação*, adotado pela Igreja. É "um exemplo concreto e particularmente elucidativo, do modo como funciona este complicado movimento dialético de construção de uma cultura global e de sua negação pela encarnação seletiva destas idéias universais em vivências particulares"⁴⁹.

Mais do que defensora da tradição, a Igreja Católica em um mundo secularizado parece estar ao lado dos movimentos de resistência a uma globalização indiscriminada da cultura, permitindo a manutenção das especificidades culturais locais, que a Festa do Bom Jesus sustenta há mais de 300 anos, garantindo identidade cultural a seus fiéis.

47 SANCHIS, 1979.

48 NAKAMAKI, H., 1994. Conhecíamos o artigo em sua versão mimeografada, antes da publicação da coletânea constante da bibliografia.

49 MONTERO, Paula, 1993, p. 67.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Thales. "Catolicismo no Brasil". *Revista Vozes*, Petrópolis, 73:39-54, maio 1979.
- BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulinas, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do povo*. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- COMBLIN, J. "Prolegômeros da catequese no Brasil". *Revista Eclesiástica Brasileira*, Rio de Janeiro, dez. 1967.
- DURKHEIM. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris, Presse Universitaire de France, 1964.
- FIERRO, A. "A secularização" In: *FUES, H. Conceitos Fundamentais de Teologia*, Madrid, Cristiandad, 1979.
- FRANÇA, Maria Cecília. "Pequenos centros paulistas de função religiosa". *Boletim Instituto de Geografia da USP*, São Paulo, 1975.
- FRANCO, Maria Sylvania. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Caminhos do sertão". *Revista de História*, São Paulo, 15(57).
- HOUTART, François. "Région et lutte des classes en Amérique Latine". *Social Capass*: 36 (5/6), 1979.
- MARCONDES, Maria Thereza R. "Tempo e memória". *Taubateanas*, Taubaté, (3), 1976.
- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1971.
- MONTERO, Paula. "Para uma antropologia das instituições globais: o estudo da cultura na Igreja Católica". *Cadernos. CERU. Série 2, São Paulo*, (4):43-68, 1993.
- MULLER, Nice C. *O fato urbano no Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro, Fundação IBGE, 1969.
- NAKAMAKI, Hirochika. *Mutações contemporâneas de religiões japonesas: principalmente budismo no Brasil e Estados Unidos: possessão e procissão, religiosidade popular no Brasil*. Osaka, H. Nakamaki e A. Pellegrini Filho (orgs.), 1994.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e dominação de classes: gênese, estrutura e função no catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1985.
- ORTIZ, José Bernardo. *São Francisco das Chagas de Taubaté*. Taubaté, Prefeitura Municipal, 1988. 2 vols.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e a questão religiosa*. São Paulo, Paulinas, 1984.
- RAMBAUD, Placide e VINCIENNES, M. *Société rurale et urbanisation*. Paris, Ed. du Seuil, 1969
- REIS, Paulo Pereira dos. *Lorena no século XVII e XVIII*. Caçapava, Fundação Nacional do Tropeirismo, 1988.
- SANCHIS, Pierre. "Festa e religião popular: as romarias em Portugal". *Revista Vozes*, Petrópolis, (79):5-18, 1973.
- WEBER, Max. *Economia y sociedad*. México, Fondo de Cultura Económica, 1969.

Abstract: This article tries to search the secularization process of one 350th years old devotional tradition in popular catholicism, at Vale do Paraíba, between São Paulo and Rio de Janeiro. This region have been suffering a strong process of urbanization and industrialization, since 1950.

Key-words: religion; tradition; secularization